

RESENHA DE ESPAÇOS DA RECORDAÇÃO

REVIEW OF THE ESPAÇOS DA RECORDAÇÃO

Milena Hoffmann Kunrath*

O livro *Espaços da Recordação* de Aleida Assmann é dividido em três partes. Na primeira parte, intitulada *Funções*, a autora discorre sobre os tipos de memória e recordações existentes desde que se começou a falar sobre este tema, abrangendo o auge da memória e a sua relativa perda de prestígio atual. Na segunda parte, *Meios*, são trabalhadas as mídias memorativas dos espaços da recordação. Na terceira e última parte, *Armazenadores*, Assmann explora os suportes de conservação da memória, a evolução da tecnologia e, ao mesmo tempo, o problema da conservação dos dados.

Primeiramente Assmann divide memória como *ars* e *vis*, ou “arte” e “potência”. Então discorre sobre o surgimento da tradição da memória, com a lenda de Simônides, onde o protagonista utiliza-se da técnica mnemônica para identificar as vítimas de uma catástrofe. Segue diferenciando a memória da recordação: “... diferentemente do ato de decorar, o ato de lembrar não é deliberado: ou se recorda ou não se recorda.” (p.33); também os conteúdos da memória podem ser apreendidos sozinhos, ao passo que a recordação é individual e não pode ser ensinada.

O culto à memória dos mortos faz parte da memória cultural. Este vai se modificando através dos séculos. Até o século XVIII, as famílias, preocupadas em garantir a salvação da alma de seus entes queridos, os traziam para a participação na vida doméstica; após este período, com o advento da modernidade e graças à mudança do sistema jurídico, o direito dos mortos foi suprimido.

* Doutoranda em Teoria da Literatura pela PUCRS.

A fama é tratada aqui como uma forma de imortalidade. Os feitos de grandes homens são registrados através dos poetas e lembrados na posteridade. O próprio poeta será também celebrado por seus escritos. Os soldados lutam na esperança da eternidade através de monumentos comemorativos às grandes batalhas. Pouca coisa mudou neste aspecto até o final do século XX.

A fama orienta-se para o futuro e a memória para o passado. A partir do século XV, ao lado do registro do “tempo da igreja” e do “tempo dos negociantes”, surge o “tempo dos arquivistas, cronistas e historiadores”. A invenção da imprensa ajudou no desenvolvimento desta nova memória desvinculada da igreja. Os registros escritos proporcionaram a evidência de mudanças linguísticas através dos tempos. Nesta época também, inicia-se uma concorrência de versões, já que o conteúdo da “história” variava conforme o narrador.

Observando as obras de Shakespeare, Assmann nota a recorrente e ainda atual temática da recordação e investiga sua relação em três dimensões: recordação e identidade pessoal; recordação e história; e recordação e nação.

A seguir, trata da passagem da recordação como artifício (técnicas mnemônicas) para a recordação de forma natural, baseada na obra do poeta inglês Wordsworth. A recordação passa então para o plano pessoal e o esquecer começa a fazer parte do recordar. Os poetas, anteriormente responsáveis pela memória cultural, deixam a tarefa para os historiadores e ocupam-se dos acontecimentos que não são registrados pelos livros de história. Wordsworth rejeita a crença na precisão das recordações e adiciona a imaginação a sua concepção de memória.

A autora ocupa-se ainda de recipientes de memória. Primeiramente trata de memória como arca, ou seja, um espaço onde se guardam as recordações: uma espécie de arquivo, onde os registros possam ser novamente evocados.

Outro exemplo de caixa mnemônica é a caixinha de Dario, onde estavam guardados os dois livros de Homero. Espólio de guerra, requisitada por Alexandre, era guardada como a um tesouro. Heinrich Heine parodia nos seus versos a perda da caixinha (que para o poeta continha literatura judaica), a qual passa por diversas mãos, e assim, ironicamente, garante a continuidade de seu conteúdo. O terceiro recipiente – o caixote cruel – advém de um conto de E.M. Foster e consiste num baú que contém o “conhecimento” (livros para a escritura de uma tese) que separa dois antigos amigos de

infância. O caixote se perde e esta perda do “conhecimento” possibilita que os amigos voltem a ter contato (o estudo de um não é mais motivo para a falta de sintonia entre eles): a perda, o esquecimento propiciou um novo contato com a realidade.

Assmann segue falando de dois modos da recordação: a memória funcional e a memória cumulativa. A primeira assegura a identidade do grupo, é seletiva, liga passado presente e futuro e está vinculada a um portador (grupo, instituição ou indivíduo). A memória histórica, ou cumulativa, separa completamente passado, presente e futuro, não depende de um portador específico e não é seletiva: tudo é igualmente importante. A autora associa a memória funcional à memória coletiva e a chama de memória habitada; já a memória cumulativa equivale à memória histórica, chamada inabitada.

A memória funcional pode ser alterada, sendo igualmente utilizada de diversas formas. Assmann destaca três usos: a legitimação e a deslegitimação - quando a alteração da memória, sua confirmação ou anulação servem a propósitos políticos -, e a distinção, que compreende os meios alegóricos de expressão que compõem a identidade coletiva.

A memória cumulativa é um reservatório para todas as memórias funcionais. Ela não é natural e necessita de apoio de instituições para preservá-la, como arquivos, museus ou bibliotecas.

Num diálogo com Krzysztof Pomian, Assmann questiona a rígida separação entre os dois tipos de memória, já que, segundo acredita ela, ambos se complementam. Para Pomian, não se pode reduzir a história à recordação, nem reduzir a história à retórica, segundo ele, correntes equivocadas atualmente em voga. Sobre esta questão atual no campo de memória e história, Assmann responde: “(...) a dimensão memorial e a dimensão científica da historiografia não se excluem, mas ligam-se uma à outra de maneira complexa” (p.158), sugerindo que, utilizando as duas correntes, poderíamos reorientar o projeto de escrita da história.

A segunda parte do livro, intitulada “meios”, inicia com a análise das metáforas intrínsecas da recordação, já “que sem metáforas não há como se falar em recordação.” (p.162) *Tafel* (ou tabuleta na tradução) e *Magazin* (câmara) são, segundo Harald Weinrich, as duas principais metáforas da memória. A primeira representa a memória natural, ou seja, a recordação; e a segunda, a técnica da memorização.

Tafel remete às antigas superfícies (tabletas) de escrita, onde eram “entalhados” os caracteres. Já com os pergaminhos, as anotações eram raspadas e a superfície reutilizada: tal movimento imita o mecanismo da recordação com a alternância de presenças e ausências. Por este motivo Thomas De Quincey compara o cérebro a um palimpsesto em relação à memória. A escrita, por sua vez, seria muito mais confiável do que a recordação e com uma capacidade de armazenamento quase ilimitada.

Quando se fala em metáforas do espaço (intimamente ligado à memória – como nos primórdios de sua conceituação), porém, surgem inúmeros exemplos. Assmann cita o templo da fama, o teatro da memória e a biblioteca como espaços organizados e o sótão como um espaço específico da recordação.

A pessoa encarregada de desvendar os segredos da memória (como, por exemplo, um psicanalista) seria então um arqueólogo, já que mesmo o esquecido pode ser recuperado. De Quincey traz a imagem de “camadas de recordação” que estariam soterradas (e por isso seguram em seu esconderijo) e precisariam ser apenas desencavadas. Este modelo contempla a *mémoire involontaire* de Proust.

Assmann desenvolve ainda metáforas temporais da memória. O “estômago”, já citado por Agostinho e George Eliot, representa o local de passagem, e não de permanência. O congelamento e descongelamento envolvem “...um esquecimento dissolvente e destrutivo, e um esquecimento conservativo, preocupado em preservar.” (p.181). Tal metáfora liga também o sabor à recordação, como as *madeleines* em Proust.

A metáfora do dormir e do acordar evoca lembrança como força política, um despertar para realidade. A promessa no que antes era autêntico, no mito poderoso do em comparação com o presente restritivo e a esperança de um futuro glorioso: “A recordação torna-se uma força política que erige normas capazes de contrapor-se ao presente. Com esta força cabe superar o presente mau e criar o novo tempo.” (p.183)

Num contexto pagão, tal despertar revela-se como evocação de espíritos. Os mortos voltariam e com eles, as recordações do que já foi esquecido. O passado deve então ser resolvido, antes que se siga adiante, como faz Hamlet ou Odisseu. Para Benjamin e Heiner Müller “... recordar é revolucionário, esquecer, contrarrevolucionário.” (p.188)

Um dos meios mais produtivos de evitar o esquecimento é a escrita. Ela permanece inalterada muito depois da morte de seu autor. Shakespeare serve-se da

diferença entre tradição oral e escrita como tema em seu drama *Ricardo III*. A discussão atesta o maior valor de verdade da escrita em relação à tradição oral. Para Platão a escrita pode até ultrapassar a memória pela no quesito armazenamento, mas não como recordação.

Assmann segue seu texto comparando a escrita à imagem. A imagem, por ser feita de materiais sensíveis à erosão, é mais transitória. A escrita, como pode ser copiada e tem seu valor nos símbolos, permanece. Francis Bacon afirma que a escrita aponta para o futuro - Assmann escreve a sobre a crença de Bacon: “a verdade da ciência sucede ao engodo da religião; a magia das letras redime a dos rituais.” (p.211) Milton compartilha da opinião de Bacon e acrescenta quer os livros são questionadores do poder das instituições.

Ao contrário de Bacon e Milton, Burton e Swift acreditam que a facilidade de publicar, advinda da invenção da imprensa, acaba por extinguir critérios de qualidade para publicação. Serão os leitores quem decidirão o que cairá no esquecimento e o permanecerá.

Wordsworth acredita que a escrita, apesar da sua força reprodutiva, não será capaz de manter as memórias da humanidade. Para Thomas Carlyle, o valor de verdade do que foi escrito no passado passa a ser questionado. Segundo ele, a história é contada através do que se perdeu e não do que se preservou – e é isso (o esquecimento) que nos permite continuar armazenando os dados da memória.

Assmann propõe quatro estágios evolutivos e, atualmente, simultâneos da escrita: a escrita iconográfica, a alfabética, a analógica do vestígio e a digital, confirmando sua importância como suporte da memória.

É questão fundamental, na atualidade, saber selecionar o que será armazenado e o que será descartado. Anteriormente, até mesmo o lixo do passado era fonte de informação cultural sobre os hábitos de um povo, porém, na era das mídias digitais, a fronteira entre o que se deve lembrar e o que deve ficar esquecido é cada vez mais tênue.

Ainda a respeito da diferença entre imagem e escrita, Assmann observa “Obras iconográficas eram consideradas de natureza material e situadas em um tempo destruidor; a escrita era considerada imaterial e se situava em um tempo generativo, ou mesmo fora do tempo” (p. 235).

As imagens, porém, têm extrema importância na recuperação do passado. Historiadores as utilizam como testemunhos do inconsciente cultural. Por sua grande força de expressão, as imagens podem servir ainda como auxiliares na recordação: este conceito é chamado de *imagines agente*.

O historiador Aby Warburg concentrou-se numa teoria imagética. Segundo ele, o reviver da antiguidade na Renascença só foi possível através das imagens. Muitas delas, atreladas a um discurso e dotadas de um significado, estão presentes até hoje em nosso imaginário.

Outra forma do recordar, trazida por Assmann, provém da lenda de Melampo, que, por sua vez, aponta vagamente para Freud. O adivinho Melampo é instado a resolver um problema de infertilidade e o resolve tratando de um trauma do acometido pela moléstia. Os traumas vividos pelo sujeito são escritas do corpo e, ainda que aparentemente ausentes, são permanentes e deixam rastros. Nietzsche pergunta-se como permanecem estas marcas no animal humano, e ele mesmo responde: “Marca-se a fogo, e com isso alguma coisa ficará na memória; só o que não termina, *o que dói* fica na memória.” (p.263)

A recordação serve-se de estabilizadores para preservar a memória, estes podem ser externos, como a escrita; ou internos, como mecanismos da própria memória que não nos deixam esquecer. A língua materna é o mais importante dos estabilizadores internos, já que é mais provável lembrar o que foi verbalizado em nossa língua nativa. Outro exemplo trata do afeto, como confirmado pela psicologia cognitiva, o envolvimento emocional amplia a conservação da recordação. O símbolo é aqui a transformação de um fato histórico, ou personalidade, de acordo com sua relevância posterior na nossa vida e na sociedade – esta recordação pode não ser *ipsis litteris* igual ao acontecimento, mas isto não a torna menos confiável. Por fim, apresenta-se o trauma como estabilizador de experiências passadas. Usando o holocausto como exemplo, Assmann afirma que a experiência do trauma, embora latente, não está acessível conscientemente. O trauma, por ser estranho à identidade pessoal da vítima e ultrapassar a lógica, torna o descrever da experiência passada praticamente impossível: “O trauma é a impossibilidade da narração. Trauma e símbolo enfrentam-se em um regime de exclusividade mútua impetuosidade física e senso construtivo parecem ser os polos entre os quais nossas recordações se movimentam.” (p.283).

O recordar levanta sempre a questão da veracidade do que é recordado. Mesmo de boa-fé, a lembrança pode ser entrecortada por experiências presentes que se afastam dos fatos. Há um intenso debate sobre como classificar os testemunhos, como os do holocausto, já que pouca coisa pode ser confirmada. Graças aos inúmeros livros e relatos, muitas informações se confundem, fazendo a testemunha realmente acreditar que tenha vivido aquele momento tal como ela o relata. Há casos, ainda, em que os próprios estimuladores da recordação acabam inserindo detalhes que a pessoa não vivenciou. Assmann acredita, porém, que esta não é a principal questão: não se pode confiar nem desconfiar absolutamente de um testemunho, já que “A verdade que se pode depreender das falsas recordações (...) diz respeito à qualidade apodíctica de recordações emocionais.” (p.292).

Para narrar estes eventos traumáticos não se pode então recorrer nem à retórica histórica nem à ficção tradicional, visto que os acontecimentos são, por sua vez, inenarráveis. Os autores-testemunhas recorrem, assim sendo, a outras estratégias, como colagens ou ficção científica, e exemplo do que se passa no livro *Matadouro 5* de Kurt Vonnegut.

Os locais, os lugares de memória, são muito úteis na fixação dos eventos. Primeiramente ligam-se os locais à história das famílias. Tem-se ainda os locais sagrados, onde pode-se “vivenciar a presença dos deuses.” (p.322) Jerusalém e Tebas são também exemplos de locais da memória, embora, devido aos deslocamentos da comunidade judaica, o Torá tenha adquirido uma representação de pátria. Existem também os locais honoríficos, locais onde, em algum momento, houve uma história e hoje só restam ruínas, vestígios – tais lugares são visitados como parte da formação cultural. As ruínas podem evocar uma aproximação com a natureza e um caráter mítico do local: ela própria torna-se o objeto da recordação, e não o que ocorreu lá anteriormente. Lápides e sepulturas, ruínas mudas, são indicadores de presenças ausentes.

Os locais traumáticos foram o palco de sofrimento e diferente dos locais memorativos, não conseguem contar a história. No caso de Auschwitz, a memória evocada é diferente para os ex-prisioneiros, os ex-guardas e os poloneses que não estiveram lá durante a guerra. Existem ainda os locais de memória a contragosto, que

são apagados por lembrarem a história que o se gostaria de ser esquecido: é o caso do prédio da Gestapo em Berlin.

A terceira parte da obra chama-se “armazenadores” e trata dos espaços onde as recordações são guardadas. Inicialmente temos o arquivo, como um registro do passado, que serve ao propósito de conservação, seleção e acessibilidade.

Num mundo cada vez mais preocupado com questões ecológicas e com a igualmente crescente produção de bens materiais, são imprescindíveis critérios claros do que deve ser conservado e do que será descartado. Algumas nações preocupam-se em conservar seus registros culturais longe de qualquer possibilidade de destruição, porém ainda não existe um meio seguro de conservação eterna destes dados, que devem, depois de alguns anos, ter sua forma de armazenamento alterada para garantir sua perenidade. A acessibilidade demonstra se a instituição é democrática ou repressiva. Se os cidadãos tem acesso irrestrito ao arquivo, verifica-se uma democracia.

Assmann comenta ainda a obra de alguns artistas que se ocupam dos temas memória, recordação e esquecimento, como Anselm Kiefer, com sua biblioteca de livros de chumbo, representando um arquivo inacessível; Sigrid Sigudsson, com livros recheados de lembranças não organizadas, como pedaços de esquecimento, já que o que foi registrado, pela sua banalidade, não é digno de ser lembrado; e Anne e Patrick Poirier, que se apropriaram de e reorganizaram ruínas e relíquias da sua própria cultura como pseudoarqueólogos, trabalhando o modo como cada cultura conserva, ou não, seu passado.

Com a temática “memória como um tesouro de sofrimentos”, outros artistas são mencionados: Christian Boltanski, com o armazenamento de ausências – as casas consumidas pelo fogo na época da guerra receberam placas de identificação -, remetendo aos assassinados e desaparecidos sob o regime nazista; Naomi Tereza Salmon, com seu minucioso trabalho de registro fotográfico dos objetos remanescentes dos campos de concentração (óculos, sapatos, etc.), ilustrando o quanto os algozes valorizavam objetos em detrimento das vidas que desperdiçavam.

Sugerindo a relação entre arquivo e lixo, visto que o que não é guardado é descartado, Assmann traz os artistas que manipulam o lixo como memória cultural. Os catadores de farrapos são então apresentados: já antes mencionados por Benjamin, são produtos das metrópoles. Para Baudelaire, os *chiffonniers*, como são chamados em

francês, são colecionadores, que selecionam e ordenam os farrapos. O lixo instiga atualmente diversos artistas por suscitar questões como, consumo, economia do desperdício e ameaça ecológica. Ilya Kabakow coleciona o lixo cultural, que teve algum contato humano e o arquiva, para tanto criou um pequeno museu, e dá voz ao que foi esquecido e rejeitado.

No campo da literatura, destacam-se, ao escrever sobre a temática da recordação, o autor Danilo Kiš, com o conto “Enciclopédia dos mortos”, livro sobre aqueles que não são contemplados com nenhum registro; Thomas Lehr, que cria uma biblioteca fictícia, que recebe todo os escritos que foram recusados para publicação; e Durs Grünbein, que transforma Los Angeles, para ele uma cidade sem memória, numa cidade necrópole.

Assmann conclui que não há ingenuidade no rememorar. Há sempre interesses políticos e sociais envolvidos na questão da conservação. Afora questões práticas e tecnológicas, o tema ainda é assombrado por importantes questões teóricas, como atestar a veracidade de um testemunho ou decidir o que deve ser conservado ou não. A autora afirma, no decorrer da obra, acreditar num meio termo, sem crenças absolutas, representado pela possibilidade de confiar tanto na história como no testemunho, para juntos construir um sentido mais próximo da realidade.

Referência:

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.